

Qual o significado de Nairóbi para as comunidades locais espalhadas pelo mundo?

Pessoa trabalhando no centro de preparação para reunião global da Igreja é levada a fazer alguns comentários sobre o evento. Esta pessoa é DAVID M. GILL, secretário executivo para a V Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas e ministro da União Congregacional da Austrália. No meio das urgentes tarefas que antecedem o evento de Nairobi, ele escreveu o seguinte comentário.

O repórter foi levado naturalmente pelas estatísticas: cinco assembléias do Conselho Mundial de Igrejas desde 1948; 2.500 participantes vindos de mais de 100 países e 271 igrejas membros; mais mulheres e mais jovens nas delegações; o mais amplo e representativo encontro de cristãos jamais registrado, etc. "Que desejo eu saber sobre as coisas de Nairobi", pergunta o repórter, "qual o significado disso tudo para as Comunidades cristãs espalhadas pelo mundo?"

Uma boa pergunta. Bem poderia ser gravada sobre a mesa de todos aqueles que participam de conferências internacionais que tratam de problemas humanos. Para a Comunidade cristã local, onde quer que esteja colocada no mundo, ansiosa por renovação — ou talvez não ansiosa por renovação, mas precisando dela. A V Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas, que está para realizar-se, de 23 de novembro a 10 de dezembro próximos, significará muito para os poucos que têm em suas mãos o bilhete para

Nairobi. Atrairá, em vários graus, a atenção dos delegados oficiais das Igrejas. Participarão de um magnífico simpósio de estudos. Mas que significará tudo isso para as congregações locais, que são, em sentido final, os centros da vida das Igrejas?

Um Desafio para a Comunidade Cristã sair do Provincialismo.

Primeiro e antes de tudo, a Assembléia representa um desafio à Comunidade cristã a transcender, ainda que parcialmente, o provincialismo que ainda embota o seu pensamento e testemunho. Vinte-e-sete anos após a fundação do Conselho Mundial, muitas Igrejas ainda se comportam como seitas tribais, cultuando deuses tribais, e inclinando-se diante de altares confessionais, preferindo mais isto do que serem comunidades universais reunidas em torno de um mesmo Senhor. Nós ainda discernimos o Evangelho através do espetáculo de um pequeno pedaço da humanidade, uma tra-

dição denominacional particular, uma cultura, uma raça e uma classe. Um entolho de séculos, que vem do passado tribal, encobre a percepção da fé, sua responsabilidade e o vasto enriquecimento que poderíamos ganhar uns dos outros.

Não encobre totalmente, entretanto. As iniciativas ecumênicas de vários tipos, não apenas das Assembléias do Conselho Mundial de Igrejas, têm estimulado estas aberturas internacionais, interconfessionais, interculturais, pelas quais as comunidades dão e recebem. Barreiras estão sendo derribadas, a despeito dos esforços fanáticos de alguns para interromper as aberturas. Nairobi se apresenta como um convite a todas as congregações para se juntarem neste trabalho de demolição de barreiras.

Tomemos, por exemplo, o tema da Assembléia: **"Jesus Cristo Liberta e Une"**. Católicos, no sentido mais largo, unem-se com cristãos de denominações diversas, com seus antepassados na fé e com seus contemporâneos que buscam ansiosamente a liberdade e a comunidade. Evangélicos, no sentido mais amplo, desafiam os cristãos em todos os lugares a articularem sua fé mais claramente, encorporando-se nela mais corajosamente. Uma congregação que compartilha abertamente na exploração do tema da Assembléia não pode ajudar muito, mas discerne novas profundidades do mistério divino quando começa a ver pelos muitos olhos diferentes de outros.

O processo envolve, por certo, angústia bem como alegria. Val levar mais do que uma década ou duas, dentro do companheirismo do Conselho Mundial, para reificar muitos séculos de falta de comunicação entre os ortodoxos orientais e os católicos e protestantes ocidentais. Séculos de imperialismo do Atlântico Norte, tanto teológico como político, criam dificuldades para aqueles que estavam acostumados a "enviar" o evangelho a

tudo o mundo a começar a recebê-lo agora em termos que questionam as suas próprias e herdadas perspectivas. Lutando para se libertarem de uma cristandade "papel-carbono", reproduzida da Europa e da América do Norte, muitas Igrejas nascidas da explosão missionária do século 19, não acham fácil fazer a teologia e a formal liturgia se ajustarem às suas próprias culturas. Todos nós somos vítimas daquela intrínseca maneira de pensar, conhecida dos pietistas como "pecado", o que nos faz apegados ao ilusório conforto de catividade e fugazes a ambígua promessa do êxodo. Ecumenismo, em resumo, não é para os tímidos. Congregações incapazes de enfrentar a desafiante compreensão e as desconfortantes questões dos outros, passariam pela V Assembléia com os olhos cuidadosamente desviados.

Candidatos à Uma Alta Visibilidade em Nairobi

Em segundo lugar a Assembléia de Nairobi ajuda as Igrejas a se ajudarem umas às outras e sondar a profundidade de algumas coisas cruciais. Assim como na II Assembléia (de 1954), escolheu um caminho minado pela guerra fria e assim como a IV (em 1968) clarificou a luta pela justiça racial como um teste da integridade da missão da Igreja, assim o evento deste ano pode ser esperado como aquele que vai focalizar sua atenção em certo número de urgentes preocupações.

Os tópicos para os seis grupos ou seções correm pelo caminho da agenda ecumênica: Confessar Cristo Hoje; Unidade da Igreja e da Humanidade; Comunidade Humana e Diversidade Cultural; Educação Libertadora; Estruturas Injustas e Lutas pela Libertação; Desenvolvimento das Sociedades Humanas e Qualidade de Vida. Por dentro e além do trabalho dos grupos, certas coisas, sem

dúvida, vão atrair atenção especial e dominar tanto nas conversas dos corredores como nas reportagens da imprensa. Isto acontecerá não porque a Comissão Central tenha planejado as coisas por esse caminho e nem como resultado de alguma coisa arranjada por detraz dos bastidores pelo staff, mas porque, por uma razão ou outra, aquelas coisas estarão preocupando o coração e a mente dos delegados — e, mais importante, das Igrejas das quais eles vieram — naquele tempo particular.

Uppsala 68 feriu os seus tópicos com ênfase sobre a Paz, Desenvolvimento Econômico e Justiça Social. Por que Nairobi 75 será o tempo do “kairos?”

Antecipar os resultados de uma Assembléia é um risco muito sério. Este ano, com 80% dos delegados assistindo pela primeira vez a um evento como este, torna-se quase impossível adivinhar o resultado. Contudo, 4 resultados impressionam este escritor como prováveis para a alta visibilidade e compreensão da V Assembléia:

1. O Lugar da Mulher na Igreja e na Sociedade. Este é o ano internacional da mulher, não apenas para pressionar governos, mas também a posição da Igreja, muito atrasada face ao assunto. A Conferência sobre Sexismo em 1970, promovida pelo Conselho Mundial de Igrejas, fez alguma insinuação sobre como muitas das nossas atitudes herdadas e costumes podem vir à tona para nova verificação se Nairobi toma este resultado com a seriedade que ele merece.

2. Missão e Evangelização. O assunto tem lançado recentemente fagulhas semelhantes a um espetáculo pirotécnico de ordem teológica, graças à Conferência de Bangcoque sobre “Salvação Hoje” e, em parte, ao Congresso Internacional sobre Evangelismo, realizado em Lausanne, e os debates contínuos sobre con-

texto cultural de missões e relação entre evangelismo e ação social. Muitos dos que irão a Nairobi estão esperando que a Assembléia torne claro os dois conceitos discutidos e também os pontos discordantes que permanecem sem solução.

3. A Crise de Alimento. No maior encontro cristão de 1975, realizado de modo especial na África do Leste, não se pode ignorar o fato patente e as perspectivas futuras da fome em escala universal. Igualmente não pode imaginar que o problema seja de qualquer outra ordem senão o sintoma do mais profundo mal-estar que envolve as relações econômicas do mundo. Espera-se que a Assembléia produza uma análise indiscutível do mal-estar junto com algumas sugestões de como a Igreja, neste contexto, possa ser sinal de compaixão no mundo de explorações.

4. O Futuro do Movimento Ecumênico. Desde os tempos dos fundadores, em Amsterdan (1948), nunca houve uma Assembléia convocada depois de um período de tão intenso debate, em muitas Igrejas, sobre o que elas esperam do seu Conselho Mundial — que aí está para dizer o que elas esperam umas das outras no seu relacionamento estrutural. Em parte, isto é uma discussão de programas, prioridades e estilo de trabalho. No aspecto mais profundo projeta um exame rigoroso e de coração a respeito do sentido das responsabilidades que as Igrejas aceitam de permanecerem juntas, numa época quando a aura romântica que envolveu o movimento ecumênico parece diluir-se. Os delegados de Nairobi terão que considerar muito cuidadosamente se as Igrejas que eles representam estão preparadas para aceitar a situação teológica, emocionalmente e em outros sentidos, para aquilo que Philip Potter recentemente chamou “o custoso ecumenismo”.

A atmosfera em Nairobi pode ser significativamente diferente daquela que caracterizou Uppsala. Haverá menos otimismo acerca da potencialidade da história, mas, quem sabe, uma crítica mais radical da ordem (ou desordem) predominante no mundo. A V Assembléia pode ser mais manifestamente teológica e centrada na adoração do que a anterior. Não menos comprometida na luta por justiça social e igualmente a sentir alguma obrigação de explicar a razão daquela posição e estabelecer as bases cristãs para a esperança num tempo quando só os ingênuos são otimistas. Participantes mais jovens estarão presentes, mas infelizmente não se pode esperar que sejam menos dóceis do que sete anos atrás, entretanto os ortodoxos serão mais atuantes na palavra, e as mulheres mais preparadas para a luta.

Uma Assembléia como a do Conselho Mundial de Igrejas não é, por certo, o único fórum para discussão de teses atuais. As Igrejas Norte-Americanas têm estado lutando por anos com o problema do sexismo; as Nações Unidas têm enfrentado com expedientes mais técnicos de expertos o problema econômico da fome melhor do que poderia fazer o Conselho Mundial; o debate sobre evangelismo e missão tem sido focalizado em muitas paróquias e encontros executivos denominacionais. O lugar distintivo de Nairobi é tomar estes temas de discussão num contexto cristão de abertura mundial, em que toda a perspectiva parcial possa ser questionada, testada e enriquecida pela compreensão de outros, dentro do mistério do evangelho e do desafio

de nosso tempo. Ninguém sairá de Nairobi com suas pressuposições não desafiadas e nenhuma congregação que tome o evento seriamente poderá ficar tranqüila.

Discipulado Ecumênico para uma Nova Geração.

Em terceiro lugar, a Assembléia tem de ajudar a nova geração a descobrir o custo e a alegria do discipulado ecumênico. Talvez seja fortuito que venha a ter tanto sangue novo em Nairobi. Porque se nós aprendemos alguma coisa nas fadigas e nos esforços dos anos anteriores é porque o ecumenismo não veio necessariamente para se estabelecer quando um grupo de líderes de Igrejas, 27 anos atrás, por voto, criou o Conselho Mundial de Igrejas. O Ecumenismo tem de ser uma luta constante e renovada, porque se opõe a todo o nosso mais baixo instinto sectário.

Para as Igrejas, tanto como para os indivíduos, renovação é alguma coisa que acontece em relacionamento de uns com os outros, não no medo, ou no isolamento da auto-satisfação. Os participantes da Assembléia estarão expressando as preocupações de milhões de cristãos, quando estiverem cantando, nas palavras do hino de Fed Kaan, sobre o tema de Nairobi:

Precisamos novos olhos para ver.
novas mãos para prosseguir na luta;
renova-nos com o teu Espírito;
Senhor, liberta-nos e une-nos.